

Introdução

A filosofia da ciência no Brasil

A ciência no Brasil teve seu início tímido no século 19 e, com a fundação da Sociedade Brasileira de Ciência em 1916¹, aos poucos se estabeleceu. Entretanto, a institucionalização da filosofia da ciência por aqui só veio a se iniciar mais de meio século depois, em 1977, impulsionada pela fundação do primeiro centro brasileiro de pesquisa em filosofia da ciência (o Centro de Lógica e Epistemologia da Universidade de Campinas, CLE-Unicamp)². Com o CLE, não somente se ampliou a produção e circulação de pesquisas, mas a sua natural especialização. Apesar de ainda se falar em “filosofia da ciência”, e muito se publicar sob esta rubrica, os desenvolvimentos quase sempre estão circunscritos a sub-áreas, como Filosofia das Ciências Formais, Filosofia da Ciência Natural - ou domínios ainda mais específicos, como a Filosofia da Física, a Filosofia da Biologia etc³.

A proposta deste dossiê, um apanhado de entrevistas com alguns dos nomes mais importantes da construção de um espaço acadêmico para a filosofia da ciência, busca não apenas satisfazer a curiosidade natural que muitos estudantes carregam sobre a biografia intelectual (e às vezes pessoal) de seus docentes, orientadores, ou mesmo orientadores de seus orientadores, como também resgatar e registrar essa memória que, no próprio ato de ser construída, produz novas percepções e estabelece horizontes de possibilidades futuras. Nos apropriamos, aqui, de uma interrogação já consagrada em teorias contemporâneas das ciências, deslocando-a para um eixo metateórico da filosofia da ciência. Nós nos interrogamos, assim, não apenas por posições teóricas implícitas na filosofia da ciência produzida em território nacional, mas nos voltamos também para os desafios e problemas que a localidade traz na vida acadêmica da(o) filósofa(o) da ciência no Brasil - almejando, também, reunir perspectivas acerca do papel que esse campo de investigação pode ocupar hoje e os caminhos que se aventam para seu desenvolvimento futuro.

Ainda que tenha tido seu aparecimento nos departamentos de Filosofia ou centros de Humanidades, a filosofia da ciência brasileira se originou, como na Europa e nos Estados Unidos, por pessoas com alguma formação científica - ou ao menos uma familiaridade mais do que superficial com alguma das ciências espe-

- 1 Não queremos com isso afirmar que só então ocorreram investigações científicas no Brasil. Já no período colonial e ao longo de todo o Primeiro e Segundo Impérios o território brasileiro foi campo de diversas pesquisas, conduzidas especialmente pelas expedições europeias, sendo a de Charles Darwin, em 1832, a mais conhecida delas. Mas é importante demarcar a diferença entre uma ciência *produzida no Brasil* e uma ciência *brasileira*. Para uma narrativa histórica mais extensa da ciência brasileira, cf. MONTROYAMA (2004).
- 2 Em que pese o fato de que seu ensino já havia se iniciado, ainda que de maneira pontual, com a chegada do filósofo francês Gilles Gaston Granger (1920-2016) à Universidade de São Paulo em 1947 e sua contribuição com a primeira publicação em filosofia da ciência no Brasil, *Lógica e Filosofia das Ciências* (GASTON GRANGER, 1955).
- 3 Um exemplo disso é o fato de que, no cadastro de Grupos de Trabalho (GTs) da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF), encontramos quatro grupos que, em outros momentos, teriam sido unificados sob um único termo (“Filosofia da Ciência”, “Filosofia da Técnica e da Tecnologia”, “Filosofia da Neurociência” e “Filosofia das Ciências Formais”). Para não falar dos grupos de pesquisa e trabalho distantes da ANPOF, como aqueles mais próximos ao campo da educação científica ou dos estudos sociais de ciências.

ciais. É o caso, por exemplo, de Paulo Abrantes, Osvaldo Pessoa Jr. e Samuel Simon, físicos por formação, de Décio Krause, matemático e de Kenneth Camargo, que é médico. Não obstante todos os outros com formação acadêmica exclusivamente em filosofia, as entrevistas mostram que há um consenso de que a formação ou o estudo aprofundado em alguma ciência específica é fundamental para certas abordagens da filosofia da ciência, ainda que haja espaço para o filósofo da ciência que tenha uma abordagem mais geral ou mais formal, quando esse tipo de conhecimento é prescindível.

A opção pelas entrevistas, para além da exposição sintetizada das ideias que esse formato oferece, tem a segunda vantagem de facilitar, a quem interessar uma comparação entre as respostas, já que as perguntas feitas foram praticamente as mesmas. Os entrevistados tiveram total liberdade de elaborar as respostas com a extensão e profundidade que julgaram conveniente - o que também refletiu em respostas mais ou menos desenvolvidas de acordo com os critérios de pertinência de cada um.

Os contrastes aparecem - como era de esperar - no que diz respeito às teses sustentadas pelos entrevistados. Não somente se percebem diferenças de interesses de pesquisa, mas de abordagens. Assim, interesses direcionados a sub-áreas específicas em filosofia da ciência se misturam com posições acerca do pluralismo e do relativismo, de sua recepção contemporânea no meio acadêmico brasileiro, bem como do papel da filosofia da ciência no mundo e na vida. Ainda assim, encontramos muitos pontos de convergência, alguns praticamente consensuais. Dentre estes, estaria o rol de autores e escolas que tomam como sendo os mais importantes ou mais influentes para a história recente da filosofia da ciência no Brasil, a necessidade dos estudos de filosofia da ciência feita aqui se libertarem de um “complexo de colônia” e, em vez de discutir autores do hemisfério norte e suas teses, entrar nas discussões hodiernas. De fato, ao fazer este apanhado e nos debruçarmos sobre a produção de cada um dos nossos convidados, vimos a amplitude de seu trabalho ao longo das últimas muitas décadas. Pode-se afirmar, sem medo de exageros, que temos, em nosso país, um grupo que se tornou importante por conta da sua produção intelectual, da quantidade de profissionais que orientou e formou, e da estatura da sua filosofia, que nada deixa a desejar àquela produzida em qualquer outra localidade, em sua qualidade e profundidade.

Outras possíveis importantes concordâncias que se pode identificar, especialmente no que diz respeito às dificuldades de se fazer filosofia da ciência em uma conjuntura, como a brasileira, de grande defasagem de formação científica e de um desinteresse disseminado sobre a ciência. Assim, a tarefa da filosofia da ciência parece se tornar tripla: conscientizar filosoficamente o praticante das ciências especiais, informar cientificamente o estudante de Filosofia e, diante do cenário complexo de uma sociedade democrática e ao mesmo tempo pouco informada cientificamente, repensar a legitimidade epistêmica e meta-epistêmica das ciências. Parece que muitos dos nossos entrevistados têm se preocupado com a questão da função da filosofia da ciência - bem como da filosofia em geral - e com a de quais objetivos deveria ter o seu estudo. Se, por um lado, a mera história das ideias por si só não é satisfatória, por outro, o diagnóstico de que já foi o tempo em que a sociedade procurava filósofos para informar-se ou orientar-se parece ser unânime. Assim, transparece nestes textos o questionamento sobre o papel da filosofia, não só para as ciências. Algumas respostas também são dadas, algumas mais pragmáticas, a essas questões. Do mesmo modo que uma formação científica seria auxiliar importante no trabalho do filósofo da ciência, a depender de seu interesse, a formação em filosofia da ciência permite ao profissional atuar em alguma área de pesquisa de outro campo do saber, ao qual aporta conhecimentos e abordagens que enriquecem aquele. Pode-se inferir, como já alguns o fizeram, que uma atuação prática e engajada em algum tipo de pesquisa científica produz um enriquecimento sem igual para o filósofo da ciência.

Evidentemente, existem os estudos mais generalizantes ou que se atêm a temas mais formais que, por sua natureza, estariam distantes de qualquer prática científica específica. Ainda assim, o papel do filósofo da ciência parece claro, no sentido de que sua abordagem apresenta e busca resolver problemas e questões que não seriam atacados por outro flanco.

Diante de toda essa complexidade e variedade de temas e autores, visões e perspectivas, o formato deste número propicia uma leitura prazerosa, agradável, bem como são uma “injeção de autoestima” à nossa categoria

profissional, já que para realizarmos autocrítica somos ligeiros, mas nem sempre conseguimos ter a dimensão da solidez e da proficiência da filosofia da ciência do Brasil. Como conjunto, ainda mais se observarmos as longas listas de bibliografia produzida, fica clara a riqueza e importância deste ramo de pesquisa aqui. Isto sem mencionar que ainda muitos ficaram de fora, não menos importantes. Este apanhado foi limitado pelas disponibilidades daqueles que foram convidados e inúmeros não puderam atender ao nosso pedido.

Ainda que os textos aqui reunidos não tenham qualquer pretensão de fazer um mapeamento exaustivo da situação da filosofia da ciência brasileira, tarefa que ultrapassaria ao largo a proposta de um periódico (e que dificilmente poderia se limitar a entrevistas pontuais, por mais relevantes que sejam os entrevistados), acreditamos que é possível, aqui, oferecer não apenas um panorama geral ou uma guia introdutória às pesquisas de filosofia da ciência no Brasil, mas também uma apresentação dos desafios a ser enfrentados por quem escolhe se colocar, no contexto da academia brasileira, nas fronteiras nem sempre pacificadas entre a filosofia e as ciências especiais. Os textos foram ordenados aleatoriamente, por ordem alfabética do primeiro nome dos autores.

Carlos Fils Puig

Davi da Silva San Gil

Referências

GASTON GRANGER, Gilles. *Lógica e Filosofia das Ciências*. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

MONTOYAMA, Shozo. (Org.) *Prelúdio para uma história: Ciência e Tecnologia no Brasil*. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2004.